

A MARINHA DO SUL E O VALE DO RIBEIRA - V

ARROZ E ENGENHO DA GUA

AS ENCHENTES E AS PRAGAS JUQUIÁ-PARIQUERA-BOTUJURU O MAR PEQUENO E O VAPOR

Ernani Silva BRUNO

A partir do começo do século XIX parece ter-se restringido cada vez mais a atividade mineradora na marinha do sul e em todo o vale do Ribeira, com o esgotamento das velhas lavras de ouro. Mais tarde se verificaria a existência de outra riqueza mineral. No distrito de Iporanga — escrevia em 1865 Machado de Oliveira — descobriram-se há pouco abundantes minas de chumbo, que estão em vias de exploração. "O relatório do Ministério da Agricultura, naquele ano, dizia: "As minas de chumbo do Iporanga são talvez as mais importantes deste metal que por ora se conhecem em todo o Império." Tiveram, no entanto, condições melhores de desenvolvimento algumas indústrias agrícolas,

não só por causa da abertura dos portos brasileiros ao comércio mundial em 1808 como, depois de 1822, em consequência da situação geral decorrente da independência política do país e do desenvolvimento da província. Uma dessas indústrias foi a da farinha de mandioca, que era produzida em boa quantidade, cerca do ano de 1836, na marinha meridional, segundo as indicações de Daniel Pedro Müller. Mais notável, no entanto, foi o desenvolvimento da produção de arroz. Já no começo do século XIX — quando havia, segundo Pizarro, trinta e seis engenhos de descascar arroz na província — o produto era exportado de Itanhaem, de Cananéia e em grande quantidade, de Iguape.

Segundo as estatísticas de Müller, era de 450 alqueires a produção de Itanhaem, 8.000 a de Cananéia, e 118.296 a de Iguape, sendo esta última vila o grande centro produtor, embora os engenhos aí existentes adotassem ainda o velho sistema dos pilões movidos por água, quando, no distrito de Santos, já havia alguns "nos quais, por máquinas, se peneira e limpa o grão". O arroz exportado por Iguape se encaminhava principalmente para o Rio de Janeiro.

Mas lutavam com dificuldades serias os produtores de arroz do Ribeira. Escrevendo em 1845, dizia José Inocencio Álvares Alvim: "A cultura do arroz, além de não produzir grandes lucros, é sujeita a muitas eventualidades, uma só das quais, realizando-se, é bastante para fazer perder toda a despesa e trabalhos da plantação: tais são, algumas vezes, as extraordinárias enchentes do Ribeira e de outros rios caudalosos, em alguns anos; as chuvas excessivas ou, no tempo das queimadas, das derrubadas ou no das colheitas; em outras, miríades de ratos que, aparecendo repentinamente, tudo destroem; em outros, as pragas de passaros de todas as espécies e de certas lagartas, denominadas, no país, co-ruquerês".

Cerca de 1870 ainda figurava o arroz praticamente como o único produto de exportação dos portos de Iguape e de Cananéia. Representou esse cereal para a marinha do sul e o vale do Ribeira em quase todo o século passado — guardadas as proporções — o que significou o café para outras regiões da província.

As demais produções agrícolas eram insignificantes e se faziam quase sempre apenas para atender ao consumo local. O caso da cana de açúcar, que se plantava para uma pequena produção de aguardente, registrada em 1836 e em 1854 nos portos do sul. Não teve por outro lado o desenvolvimento com que se contava a cultura do algodão herbáceo, tentada a partir de 1862 em algumas zonas da marinha e do vale do Ribeira. Em Iguape, naquele ano, remetida pelo governo da província certa porção de sementes de algodão ao administrador da Mesa de Rendas daquele porto, elas foram plantadas em uma chacara e em alguns quintais, certamente a título de experiência. No mesmo ano fizeram-se ensaios desse cultivo na colônia de imigrantes sulcos fundada então no distrito de Cananéia. Fizeram-se ainda culturas de algodão herbáceo em certas regiões interiores do vale do Ribeira — como as de Iporanga e Apiaí — sendo os carregamentos do produto transportados pelo Ribeira e exportados pelo porto de Iguape. Mas foi a lavoura que não se consolidou.

JUQUIÁ — PARIQUERA — BOTUJURU

A indústria da pesca também não atingiu a grande desenvolvimento, embora Müller tenha registrado alguma exportação de peixe salgado pela região de Itanhaem e Iguape. De maior volume parece ter sido a extração de madeira, que era exportada pelas vilas da marinha do sul, se-

gundo a "Memória" de Chichorro — escrita em 1814 — figurando entre os produtos que se exportavam de Iguape e Cananéia nessa época, segundo Pizarro, as couceiras — pranchões de madeira para portas. Ainda em meados do século passado sabe-se que se mantinha uma exportação regular de madeiras de construção, na zona compreendida entre Itanhaem e Iguape, para o porto de Santos.

Acentuou-se também o declínio da indústria de construções navais. No começo do século passado, Pizarro fazia referência a estaleiros decadentes na marinha paulista do sul. Em 1836, Müller registrava a existência de dois estabelecimentos em que se fabricava embarcações, em Cananéia. E também em Itanhaem parece ter existido ainda um, em meados do século, dirigido por Francisco Ribeiro de Sousa, discípulo de Antonio dos Anjos, o mestre que construiu o patacho "Dois Irmãos". No entanto, em 1865, falando do pequeno número de embarcações com que podia contar a província de São Paulo, Machado de Oliveira escrevia que qualquer estaleiro que se tentasse estabelecer em seu litoral ficaria logo à mingua de madeiras próprias para construções navais.

Mas com todas as limitações da economia da região, litorânea ou terra adentro — baseada quase exclusivamente na produção dos arrozais — o povoamento da ma-



Convento de N.S. da Conceição de Itanhaem. Quase destruído por um incêndio, em 1833, foi reedificado entre 1860 e 1865.

em 1830 à categoria de freguesia, em 1842 a freguesia de Xiririca se guindava a situação de vila. Em 1849 a vila de Iguape passava a categoria de cidade, com a denominação de Bom Jesus do Ribeira, trocado no ano seguinte pela de Bom Jesus de Iguape. Em 1853 tornava-se freguesia a povoação de Pariquera-Assu, na zona chamada Guaricana, a sudoeste de Iguape, quando ali foi criado, por determinação do governo imperial, um núcleo colo-

merico e dois terríveis leões, tudo de barro cozido e esmaltado de branco". Em Itanhaem o edifício de maiores proporções era o convento de Nossa Senhora da Conceição, devastado por um incêndio em 1833 e reedificado de 1860 a 1865. Os arraiais do vale do Ribeira eram insignificantes. O de Botujuru, sabe-se que em 1868 dispunha de dezesseis casas, todavia "construídas com solidas tápas e edificadas com gosto e apuro".

O MAR PEQUENO E O VAPOR

Os portos marítimos, em 1836, ostentavam a mesma situação que nos tempos coloniais, segundo Müller: Itanhaem era porto pequeno, que dava entrada só a canoas; a Barra do Ribeira, só a brigues em tempo de bonança; em Iguape entravam pela barra pequenas embarcações; Cananéia sim, permitia entrada franca a barcos até o lote de brigues, e oferecia surgidouro bom.

Entretanto, nessa época, com o propósito de se estabelecer comunicação entre Ribeira e o Mar Pequeno, começou-se a abrir o chamado canal de Iguape, com cerca de dois mil e quinhentos metros de comprimento e largura de vinte metros, do lado do mar, e de uns doze, do lado oposto, com profundidade de cinco metros e meio. Tinha-se em vista facilitar o transporte de mercadorias por meio de canoas — observou o pesquisador Paulino de Almeida — evitando-se o tráfego de carroças pela estrada. Os trabalhos de abertura do canal duraram cerca de vinte anos e o canal, quando pronto, pela diferença de nível, deu origem a obstrução do porto de Iguape pelas areias arrastadas pelas águas do Ribeira e depositadas ali.

Era o que informava em 1852 o latorio do presidente da província: "As areias arrastadas, durante o colossal trabalho de escavação que o rio tem feito no canal, vulgarmente chamado "valo", vieram-se depositar no Mar Pequeno e estão obstruindo o porto de Iguape. É esta uma questão muito importante para aquela região; porque, se por um lado o valo constituiu um canal de drenagem para uma grande zona, tornan-

do-a mais enxuta e livre da ação das enchentes, por outro lado o porto de Iguape está perecendo..."

Em 1854-1855 em Iguape a navegação de cabotagem ocupou apenas nove embarcações a vela, e outras tantas o de Cananéia, cuja barra era perigosa, embora fosse o porto bonito, seguro e profundo, como assinalou em 1856 Avé-Lallement.

Existem dúvidas sobre a época do início da navegação a vapor entre Iguape e Xiririca, pelo Ribeira, citando-se como anos iniciais os de 1848, 1854 e 1857. Avé-Lallement, em 1858, escreveu que, partindo do porto de Iguape, dois pequenos vapores faziam o tráfego do rio, subindo até Xiririca, em um percurso de trinta leguas, de onde traziam produtos agrícolas, que eram armazenados no porto iguapense e depois transportados para a cidade de Iguape e daí para o Rio de Janeiro — evitando-se assim os riscos da barra do Ribeira.

Escrevendo nesse mesmo ano sobre a navegação de um afluente do Ribeira — o Juquiá — o brigadeiro Machado de Oliveira dizia que ela, era franca e segura desde que se passava sua barra até a paragem denominada Cubatão de Itapetininga, podendo-se empregar aí embarcações de oito a dez palmos de calado — navegação no entanto, que, exigindo dois dias, se poderia reduzir para meio dia se fosse feita a vapor.

O serviço de navegação a vapor no Ribeira de Iguape, contratado pelo governo da província com uma companhia nacional que mantinha uma linha de navegação aos portos marítimos do sul da província, e que ficou obrigada a fazer uma viagem mensal até Xiririca, desapareceu cerca de 1865 com o fracasso da empresa, ficando então os moradores da região — segundo Paulino de Almeida — privados do único vapor de que podiam dispor, essa crise de transporte parece ter-se prolongado até cerca de 1870.



Cananéia em 1868 (gravura reproduzida da "Historia do Paraná", de Rocha Pombo)

NOVA IDADE DA DANÇA

Walter TERRY

em uma... tal como ainda é entre alguns povos primitivos. Mas à proporção que a civilização progredia, começaram a surgir os ciclos artísticos. Na Grécia antiga, embora a dança e a música necessassem elementos essenciais de uma... drama elevou-se a novos esplendores... renascimento. Há pouco mais de... era mais importante para as... que a opera, e há um se... opera-balé declinou co... "prima donna" a... em seu sucesso... duzir musi... primeiro... as,

tal como ainda é entre alguns povos primitivos. Mas à proporção que a civilização progredia, começaram a surgir os ciclos artísticos. Na Grécia antiga, embora a dança e a música necessassem elementos essenciais de uma... drama elevou-se a novos esplendores... renascimento. Há pouco mais de... era mais importante para as... que a opera, e há um se... opera-balé declinou co... "prima donna" a... em seu sucesso... duzir musi... primeiro... as,



A "soberba casa de esquina" vista em 1858 em Iguape pelo viajante Avé-Lallement, encimada "por uma America e dois terríveis leões" (foto do arquiteto Carlos A. C. Lemos)

rinha do sul e do vale do Ribeira revelou índices razoáveis de desenvolvimento: numerosos arraiais e pequenas povoações foram-se estabelecendo, quase à margem do rio Ribeira e de seus afluentes, e algumas povoações antigas tiveram condições para passar a categoria melhor.

Cerca de 1828 já havia uma povoaçãozinha de dezoto casas no chamado porto do Ribeira. No ano seguinte fundava-se Santo Antonio do Juquiá, também à margem do Ribeira, ao norte da vila de Iguape e a nordeste de Xiririca. A oeste de Xiririca, a povoação de Iporanga era elevada

nial — núcleo, no entanto, que logo depois, em 1861, caiu no abandono. Em torno de 1860 fundava-se ainda a povoação de Jacupiranga ou Botujuru, à margem do rio Jacupiranga, a oeste de Iguape e sueste de Xiririca, elevada a freguesia em 1870. Mas talvez só Iguape ostentasse certos traços de desenvolvimento urbano. Em 1858 o viajante Avé-Lallement viu ali muita casa bonita e até alguns sobrados imponentes inclusive "uma soberba casa de esquina" com oito a nove janelas de frente e de um dos lados quinze janelas enfileiradas — edificação encimada "por uma